



PEDRO PAULO MONTEIRO

A MENTE

E O SIGNIFICADO DA VIDA



GUTENBERG

Copyright © 2006 by Pedro Paulo Monteiro

Capa

Victor Bittow

(sobre foto da Getty Images)

Editoração eletrônica

Conrado Esteves

Revisão

Rosemara Dias dos Santos

Monteiro, Pedro Paulo

A mente e o significado da vida / Pedro Paulo
M775a Monteiro. — Belo Horizonte : Gutenberg, 2006.

200 p.

ISBN: 85-89239-37-3

1. Mente. 2. Mente e corpo. I. Título.

CDU 130.11

159.9.016.1

2006

Todos os direitos reservados pela Gutenberg Editora.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida,
seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica
sem a autorização prévia da editora.

Gutenberg/Autêntica Editora

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar – Funcionários
30140-071 – Belo Horizonte – MG
PABX: (55 31) 3222 6819 – Teleendas: 0800 2831322
www.autenticaeditora.com.br
e-mail: editora@autenticaeditora.com.br (Geral)
vendas@autenticaeditora.com.br (Vendas)

São Paulo

Rua Visconde de Ouro Preto, 227 – Consolação
01.303-600 – São Paulo/SP – Tel.: (55 11) 3151 2272

Prefácio

Foi o tema do corpo que trouxe Pedro Paulo ao curso que dava naquele semestre, no Programa em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Quando entrei em contato com a pesquisa que realizava, e que resultou na sua dissertação de mestrado (*Envelhecimento: imagem e transformação corporal*) felizmente, transformada em livro, tive a certeza de que trilharia um caminho importante na sua área profissional.

A sensibilidade com que lidava com o corpo de idosos, a afetividade que a sua curiosidade construía, as descobertas que realizava sobre a relação do toque com a produção de imagens, tudo isso projetava um pesquisador sênior no estudante que iniciava, na ocasião, o seu percurso acadêmico. A maneira com que agregava os conhecimentos – com os quais entrava em contato na universidade – às suas práticas como terapeuta do toque primava pela sabedoria de não sobrepor uns às outras. Já se podia antever que a irrigação que aquelas teorias científicas promoviam no seu dia-a-dia construiria um profissional singular.

Lendo seu livro, reencontrei nele, de outra forma, essa ligação entre o saber vindo da bibliografia universitária com outros tipos de saberes – o que me fez constatar ter sido essa, de fato, a orientação que Pedro Paulo imprimiu à sua vida de pesquisador. O que se delineava naqueles primórdios consolidou-se como a característica que guia o seu novo livro e, pelo que nele encontramos, também a sua vida profissional.

Através de uma introdução seguida de três partes (A Mente, As Imagens, A Consciência), põe-nos em contato tanto com a não-violência do Tao Te King, quanto com a ciência irônica de John Horgan, e com os *insights* teóricos de David Bohm. Fala da experiência de Castañeda com Dom Juan, no México, e também do *Cerebri Anatome*, de Thomas Willis. Propõe a importância da meditação e da respiração na construção da subjetividade e não deixa de historiar a frenologia de Gall, a microscopia de Korbinian Brodman, os estudos de Wilder Penfield, de Joseph LeDoux, o neuromatrix de Ronald Melzack. Relata o caso do patologista americano Thomas S. Harvey pesquisando o cérebro de Einstein e traz Krishnamurti e Hermes Trismegisto para seu texto.

Talvez o modo como apresenta o Prêmio Nobel de Química, Ilya Prigogine, sirva como um bom exemplo da sua forma de ler a ciência. Para ele, as pesquisas de Prigogine em termodinâmica nos tornam capazes de “entender que ser humano é ser inacabado e complexo, e isso mostra que estar distante do equilíbrio é possuir mais chances de viver”

Partindo da hipótese de que “ninguém pode penetrar na mente do outro”, escolhe ser o personagem da história que nos conta aqui, para a qual nos convida para sermos seus parceiros. Informa-nos que não vemos o mundo através de uma janela porque somos o mundo, e que, sem movimento anterior, nada se cria. Com a poesia que espalha por todo o livro, sussurra-nos que as batidas do coração são “o código Morse psicossomático”.

Quando declara que não somos diferentes dos escorpiões ou dos paracéuticos, por todos sermos necessários para a eco-organização, ajuda-nos a exercitar um aprendizado do mesmo tipo que teve que desenvolver depois que saiu da faculdade, quando percebeu que os livros que havia estudado não falavam sobre sujeitos com incapacidades pessoais, e sim de doenças aplicáveis a qualquer corpo.

Insiste, sempre que a ocasião permite, que a mente não é o cérebro e apresenta a sua proposta: a mente continua indevassável, apesar de todos os anúncios sobre os seus desvendamentos a partir dos vários estudos realizados sobre o cérebro. Deixa claro que, para ele, “o que se pesquisa não é a mente, e sim o comportamento. O comportamento é a fotografia emoldurada de um tempo que nos escapa.”

Explica que “cada um de nós é formado por todos os tempos”, que “somos o espaço que habitamos e o tempo que vivenciamos”, mas que “carregamos muito mais do que a presença de estar aqui e agora” porque “carregamos também as escolhas do passado, cada qual bem marcada nas células do corpo.”

Esse sentido de história, por meio da sua história pessoal, vai pespondo tudo. Divide, com o leitor que aceitou a aventura de ser seu parceiro, desde a lembrança da janela que o unia à mãe, que o ensinou a olhar a Lua como um espetáculo da noite, até a descoberta da razão de achar mórbidas todas as bonecas deitadas nas suas embalagens. Ficamos sabendo que escreve ouvindo música clássica, que escutou muita música sertaneja com o pai e que a melancólica voz de Zé Bettio, na Rádio Record, durante anos, significou o início de mais um dia de jornada. Com o seu corpo de adolescente gordo, aprendeu que “o corpo, uma vez construído para se proteger, é o mesmo corpo para amar. Sendo assim, ninguém podia me atacar, nem tampouco me desejar.”

Descreve o corpo humano como sendo “um verdadeiro campo de força eletromagnético sensível que interage com o ambiente”. E garante que somos, “ao mesmo tempo, pintor e pintura, criador e criatura. Enfim, somos o dentro e o fora, o interno e o externo, a mente oculta e o cérebro visível, o objeto da ação e o sujeito da idealização. Nada está separado. Tudo o que podemos alcançar é o que somos.”

Chama a atenção para o fato de que “isso nos torna narradores da história criada por nós, em nós, para nós” e apresenta os sentidos como construtores dessa narração. Lembra-se do cheiro do Natal, das geladeiras invadidas – especialmente, do gosto do pudim de leite condensado de dona Elza e do prato de gemada que sua mãe lhe fazia. Ensina que é por meio do som que desenvolvemos a noção tridimensional do nosso corpo e que os olhos são estruturas que transformam luz em padrões mentais. E nos avisa que “o que vemos nos pertence, mesmo à distância”

Evidentemente, dedica ao tato, à pele e aos receptores uma atenção especial: “Enquanto os outros sentidos estão associados a pequenos órgãos como olhos, boca, nariz, ouvidos, o tato é bastante variado porque seus receptores estão espalhados por todo o corpo”, destacando que “a pele possui prioridade estrutural sobre todos os outros sentidos”. Sublinha que o primeiro

sentido a surgir no desenvolvimento embrionário é o tato, que serve de base para todos os outros sentidos.

Depois de contar que a sua adolescência foi preenchida por sonhos de vôos e quedas e que se curou de uma úlcera quando iniciou “a experiência do fluxo do rio”, compreendendo que a correnteza do rio é a mesma desde a nascente até a foz, passa a explicar os Estados Paralelos de Consciência – os EPCs –, “representações na mente que auxiliam no conhecimento do entorno da situação, como também trazem à tona situações passadas ou projeções futuras”. E garante que transitar entre passado e futuro é mais comum do que se imagina, trazendo o exemplo de quem leciona, quando observa alunos olharem para o professor, mas estando muito distantes dali.

O texto vai pontuando a sua aquisição de informação científica com a sua história pessoal. Por isso nos conta que, quando criança, adorava ir aos parques de diversão para assistir a Monga, a mulher que se transformava em gorila, com a mesma naturalidade que nos explica que, em alguns processos terapêuticos, costuma trabalhar com “bolas suíças que geram desequilíbrio do corpo e muito medo de cair em quem tudo quer controlar”.

Lentamente, a leitura vai nos tornando mais aptos a captar a singeleza da sua experiência do pássaro azul com a paciente de 80 anos e o seu apaixonado olhar para a obra de Camille Claudel,

cujo drama pessoal se expressa em cada linha, contorno, superfície de seus objetos. A crueldade e as nuances da história de Camille ferem como estocagem do cinzel na pedra bruta, porém aprimoram a beleza do que pode ser visto. As histórias estão aí, dispostas a serem vistas por bons olhos, pois a beleza se encontra na visão e não no objeto.

É justamente desse tipo de beleza que quero agora falar. Na experiência da leitura do texto de Pedro Paulo, pude exercitar muito do que ele ensinava. Pratiquei, de fato, o exercício de dar voz ao outro, respeitando seu modo de lidar com a informação, independentemente do fato de coincidir ou não com o meu.

Ele declara que a cura está na relação sujeito-sujeito, e que o “envolvimento emocional” não fica fora desse processo. Pois bem. Entre nós, aconteceu a empatia, aquele tipo de sentimento que sedimenta uma ligação que parece ser tecida somente de votos a favor. A empatia que nos aproximou de

início deve ser a que me faz estar presente aqui, passados alguns anos de nosso convívio.

Não foi sem surpresa que recebi seu convite para escrever o prefácio de seu novo livro. Junto com o convite, no momento em que o li, chegou também uma onda tipo *tsunami* de afetividade, que desfez, instantaneamente, aquele tipo de quietude do afeto que os anos de afastamento tendem a produzir.

“Ser terapeuta do toque é um privilégio”, confessa ele, porque “posso ser tocado ao mesmo tempo em que toco o outro. Essa relação recíproca me indica o caminho da solidariedade e do autoconhecimento.” São esses caminhos que este livro ajuda a pavimentar. Em um mundo como o nosso, isso é muito.

Você tem razão, Pedro Paulo sempre querido, quando investe nas relações recíprocas: sem companheirismo, não há cura. Obrigada por compartilhar conosco, seus leitores, a beleza dessa sua bandeira, companheiro.

Helena Katz